



## TEXTOS

Os textos líricos, escritos entre o início dos anos 50 e 1982, mantiveram-se em grande parte inéditos até à sua inclusão no volume *Textos e canções* (1.<sup>a</sup> edição de 1983 e 2.<sup>a</sup> edição de 1988, ambas na Assírio & Alvim). Cerca de metade dos textos remonta ao período de Março a Agosto de 1981, altura em que foi descoberta a doença de José Afonso.

A sequência nesta edição não obedece a um critério temático, mas, tanto quanto possível, à ordem cronológica. Sempre que possível, são indicadas a localidade e a data da sua escrita. Este critério obrigou a uma nova ordenação dos poemas. Os textos datados aparecem agora juntos, como por exemplo os vinte poemas e prosemas escritos na prisão de Caxias, onde o autor esteve detido entre 30 de Abril e 19 de Maio de 1973. («Era um redondo vocábulo» e «De sal de linguagem feita», também do tempo de Caxias, encontram-se na parte dos textos musicados, fazendo parte dos discos *Venham mais cinco* e *Fura fura*, respectivamente.)

## PELA QUIETUDE DAS TUAS MÃOS UNIDAS\*

Pela quietude das tuas mãos unidas  
Desce o eterno e a paz.  
Nada perturba o silêncio posto nas tuas pálpebras.  
É a morte o templo, a plenitude enfinda.  
Abatem-se os contornos, teu vulto esfuma a rigidez das coisas,  
a exactidão concreta.  
Nenhuma dor descerrará nossas bocas profanas  
para pronunciar o césumo que te abrirá os céus,  
pobre silhueta humana, já pertença neutral,  
informe barro  
Inalterável mistério, subsistência.  
Entre o vivo e o morto o abismo da incomunicação,  
A distância absurda da intemporalidade.  
O entrar na origem, menos inexistência  
Que companhia apenas de todas as coisas que ali estão  
Em frente, além.  
Só contemplar-te para penetrar teu mistério  
E apressar a corrida para a petrificação.  
Depois sim: vossa presença pura  
Entes Impronunciáveis e Inconcebíveis-Nada.

Que coisa o amor! Pobre balbúcie  
Gérmem do primeiro estrebuchar da primeira forma.  
Embrião latejando o que quer persistir e continuar-se-Assim

\* Texto escrito no início dos anos 50, aquando da morte da avó.

## SEI QUE NÃO VENS BATER-ME À PORTA

Sei que não vens bater-me à porta  
Nem numa porta cabe o que é preciso  
Perdi o gosto e o siso de saber-te morta  
Hoje recebo a féria e o paraíso

O que não foi desenha-me o futuro  
Nem Deus sabe!  
De te saber esp'rando além do muro  
Nem minha porta se abre

Só dum postigo vejo a vinha  
Quem pisou meu campo cru?  
Teu corpo nu que o adivinha  
Teu corpo nu

Coimbra, 1954

## A MINHA VOZ NÃO OUVE A VOZ DO VENTO

A minha voz não ouve a voz do vento  
A minha mão não sente a mão que sinto  
Os meus olhos não vêem o que eu vejo  
Desisto e invejo o que me dá alento

Seduzo-me a tentar mas não me tento  
Pretendo-me sem dar-me o pretendido  
Se busco perco-me onde não há p' rigo  
Nutro de olvido com que me sustento

Se por aqui não venho ali não sigo  
O que me traz por cá foi-me esquecendo  
Desfaço o feito e faço o presumido  
Nada consigo e nisto vou cedendo

Nisto prossigo e nisto me entendendo  
(A voz de bronze que me traz consigo)  
Ó minha amada vê como estou vendo  
Ceia também comigo ó meu amigo

Coimbra, 1955

PARDAL VELHO

Pardal velho  
Morre à sede  
Num mundo pequeno  
cresci  
Bolor no retrato  
Cotão na parede  
Por lá rompeu o bicho  
(e o monturo)  
Cheios de ofícios  
E manjares maduros  
Não comemos aqui

Lagos, 1957